

Culturas infantis e Oxóssi: descolonizando com a assertividade do filho de um caçador

Children's cultures and Oxossi: how to decolonize
with the confidence of a hunter's son

Ellen Gonzaga Lima Souza*
Babalorixá Oguntobi Daniel Gonzaga Costa**

Resumo: o presente artigo intitulado “Culturas Infantis e Oxóssi: descolonizando com a assertividade do filho de um caçador” tem como objetivo apresentar parte das experiências partilhadas com Aquilles de Oxóssi, criança negra de seis anos, que vivencia e anuncia seu pertencimento no candomblé da Egbe IREO. Trata-se de uma interlocução entre as produções de culturas infantis com aportes afrocentrados, que busca uma conexão triangulada, Brasil-Candomblé-África. Esta interlocução forja algumas possibilidades de rompimento com a colonialidade do poder tendo como eixo orientador as atividades realizadas por Aquilles, Ele, na convivência com a comunidade, vai mostra diferentes possibilidades de conexões com a ancestralidade.

Palavras chave: Culturas Infantis. Candomblé. Ancestralidade. Colonialidade do poder.

Abstract: this article entitled "Childhood Cultures and Oxossi: assertiveness of a Son of a Hunter living a decolonial process" shares experiences that have been developed by and with Achilles de Oxóssi, a six-year-old black child, who lives and announces his membership in a Candomblé called Egbe IREO. It is an interlocution between the production of children cultures with an triangular and african centered contribution, that seeks connection among Brazil-Candomblé-Africa. This interaction forges some possibilities of breaking down with the power of coloniality having the activities performed by Aquilles as their mainstream. In his coexistence with the Community Aquiles has shown different possibilities of connections with the ancestry.

Keywords: Childhood cultures. Candomblé. Ancestry. Coloniality of power.

Introdução

As coisas mais importantes do candomblé a gente aprende brincando! (Babalorixá Toninho de Oxum)

No presente texto buscaremos relatar a quatro mãos adultas parte das experiências partilhadas com Aquilles de Oxóssi, criança negra de seis anos, que vivencia e anuncia seu pertencimento na comunidade Egbe

* Pedagoga pela Universidade Estadual Paulista UNESP (campus Marília). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCar). Docente na Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA) e coordenadora do grupo de pesquisa LAROYÊ – Culturas Infantis e Pedagogias Descolonizadoras. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-7945-9353>>. E-mail: ellenl.souza@ufla.br

** Licenciado em Letras pela UNISANTANA. Babalorixá e Diretor de Culto da Egbe IREO. E-mail: danielgonzaga823@gmail.com

IREO¹ desde 2017 junto aos membros e aos seus familiares (mãe, pai, avós, etc.). Reconhecemos que a colonização marca nossas percepções de mundo, pois estrutura-se na naturalização das relações sociais; desde muito cedo fomos condicionados às compreensões maniqueístas de mundo, tratando a diferença e a desigualdade como sinônimos. As relações sociais foram, e ainda permanecem polarizadas, por isso fortalecem a concepção de superioridade, criando sentenças de inferioridade; assim como o colonizador impôs-se sobre o colonizado, ancorando-se em violências de todas as ordens: físicas, psicológicas, simbólicas, dentre outras.

Dentro dessa colonialidade do poder estão, também, as relações etárias onde o adultocentrismo se estrutura. A desigualdade recai historicamente sobre o pertencimento étnico-racial, etário, cultural e de gênero, que se difere do homem branco, europeu, adulto, heterossexual e cristão. O imaginário da globalização vai validar o abismo desumanizador presente no pensamento social moderno eurocêntrico. E ainda que, reconhecendo todas essas imposições da colonialidade, buscamos compreender **com** Aquilões como as culturas infantis são produzidas com a ancestralidade na comunidade, forjando outras relações humanas.

Dessa forma o presente texto trata-se de um desafio por excelência, pois além da proposição de compreender as culturas infantis com uma criança de seis anos, o título deste dossiê é “Educação e Contemporaneidade: conexões e desafios África e Brasil”, já anunciando a necessidade de destacar tais conexões e reconhecendo a existência de desafios, afinal, cabe sempre destacar que o Brasil foi o último país do globo a abolir a escravidão e reconhecer que tal processo está inacabado. Entendemos que o desafio central para a conexão entre Brasil e África é a colonialidade do poder, pois conforme destaca Nobles (2010) a escravidão tirou nos negros da África, mas foi a colonização que tirou a África dos negros.

Os africanos que foram vendidos, raptados e/ou roubados e trazidos tinham que dar sentido e significado à realidade de novos lugares, condição e povo [...] o único mapa mental que dispunham para dar sentido à nova condição de servidão e barbarismo era o mapa mental de ser africanos. A concepção africana de ser humano definia como emi (espírito), oriinu (dono de um destino traçado por Deus), nglo (ser um poder) e na ezaleli (ser inextricavelmente misturado com a própria essência). Essa essência ou “força espiritual” tornava alguém humano e proporcionava a cada pessoa uma relação duradoura com o universo perceptível e ponderável. A concepção do significado da pessoa como recipiente e instrumento de energia e relação divina tornava o africano, creio eu, inadaptado à escravidão, a menos de que desafrikanizado (NOBLES, 2009, p. 284).

Para o povo negro manter-se humano implicava em manter-se “africano”, ou seja, manter sua essência e cultuar em comunidade tal essência. A África que este texto vai abordar é a África mítica cultuada no candomblé. Compreende-se conforme Oliveira (2007, p. 30): “Ancestralidade pretensamente advinda da tradição africana, que ressignifica as práticas do povo-de-santo e as aproxima de

¹ Egbe IREO quer dizer “Egbe” comunidade; IREO faz menção ao um dos territórios miticamente atribuído ao Orixá Ogum, trata-se ainda de um acróstico cujo significado é Instituto Religioso Educacional dos Orixás, tal instituição é liderada pelo segundo autor do presente texto na cidade de Diadema – SP fundada em 2009.

um manancial de legitimidade – a África mítica- que serve como arma ideológica da identidade do negro brasileiro”.

A África mítica é a base para a constituição da essência identitária que legitima o indivíduo como pessoa humana rompendo com a objetificação imposta pela colonização. Cabe destacar que este princípio de ancestralidade africana é construído em diálogo com as reflexões oriundas de HampateBâ, a esse respeito destaca-se o texto “Bebês, Cultura e Raça em terreiros de candomblé: diálogos com HampateBâ” em Souza (2019) buscando as grandes constantes oriunda de um continente tão diverso, reconhecemos que não há singularidade em África, mas há constantes:

Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e etnias. Claro, existem grandes constantes (a presença do sagrado em todas as coisas, a relação entre o mundo visível e invisível e entre os vivos e os mortos, o sentido comunitário, o respeito religioso pela mãe, etc.), mas também há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma região para outra, e de etnia para outra; às vezes, de aldeia para aldeia (BÂ, 2003, p. 14).

Da mesma forma que o continente africano tem grandes similaridades e diferenças, também as casas de candomblé, cada uma tem a sua singularidade, os seus modos de recriar a África mítica, neste texto destacamos a vivência na Egbe IREO de matriz Ketu², uma experiência ainda recente de dez anos. A perspectiva do sacerdote fundamenta-se na compreensão pessoal de que o candomblé tem como eixo estruturante a convivência, pois a sua formação em outras manifestações culturais negras, como a capoeira, foram levadas para a estruturação desse espaço em seu senso de comunidade.

A convivência exige a ampliação das percepções³ (tato, olfato, audição, paladar e visão) os cinco sentidos são aguçados em prol do coletivo forjando experiências de fortalecimento e resistência que recriam os conceitos de família, tempo, espaço e trabalho para enfrentar o dia-a-dia fora da comunidade.

A comunidade é orientada pela liderança que sempre alerta “ser de candomblé dentro da roça é fácil, mas é importante ser de candomblé na sociedade”, para o povo-de-santo a preposição “de”, que estabelece uma relação de posse, presente em boa parte dos sobrenomes brasileiros como indicativo de pertença do opressor, é ressignificada devolvendo a pertença aos ancestrais africanos, assim ao invés de sermos de Souza, da Silva, dos Santos, etc. Somos de Oxum, de Ogum, de Oxalá, ou como popularmente se diz de santo, de axé, de candomblé, etc.

O que essa religião é capaz de fazer para os descendentes de africano, citando o caso do Balbino, por exemplo, que quando o conheci ele era um simples vendedor de quiabo no mercado e nem sabia ler, porém era um sujeito que é como hoje: perfeitamente contente de si. Ele

² A esse respeito, ver Bastide (2009).

³ “Concebe-se a percepção infantil como uma soma de dados dos sentidos isolados, sem nada comum entre si. As primeiras experiências das crianças seriam experiências múltiplas disjuntas: progressivamente ela vai conseguindo fazer distinções entre elas, estabelecendo correspondência entre as percepções e as sensações [...] Em outras palavras, a criança está diante das sensações como diante de um texto por decifrar; chegaria à decifração por uma operação intelectual” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 8).

mesmo não se sentia humilhado por ninguém e falava de igual para igual com qualquer pessoa, porque é filho de Xângo (VERGER, 1998).

Assim, o pertencimento mítico a um determinado Orixá identifica o indivíduo em sua Egbe e legítima o indivíduo na sociedade, pois a essência existente neste Orixá atravessa as percepções do indivíduo dentro e fora da religião. Destacamos o Trabalho de Conclusão de Curso de intitulado “Dançando com Oxóssi: religiosidade, corpo e produções de culturas infantis”, em que Salles (2019) analisou um vídeo que retrata Aquilles dançando como o Orixá Oxóssi na instituição de educação infantil que frequenta em um momento de atividade livre.

As técnicas do caçador foram construídas com base na ancestralidade

Para que possam compreender melhor a nossa referência central “Aquilles de Oxóssi” sugerimos que tomem como ponto de partida o símbolo Adinkra do Sankofa⁴, ou seja, vamos olhar o passado, para entender o presente e re-construir o passado no futuro, posto que a vida é cíclica. Conforme destacado em Souza (2016) a inquietação é buscar aprender com as crianças o que seriam as suas respectivas infâncias, neste caso, dentro do candomblé; portanto, se alguém inaugura o processo dialético do artigo, esse alguém é Aquilles de Oxóssi, “[...] pois, ainda que adultos, outrora fomos crianças, e onde nossas crianças se escondem é a primeira indagação que precisamos fazer para adentrarmos a este processo dialético” (SOUZA, 2016, p. 17).

A criança que convidamos os/as leitores/as a convocarem é a sua criança, que curiosa por excelência, em geral não teme em desafiar a lógica e em ingressar em um processo circular, pois para a perspectiva do candomblé a pessoa existe em sua plenitude, seja ela um feto, um bebê, uma criança, um jovem, um adulto, um idoso ou um ancestral. Afinal, todos estão destinados ao ir e vir; nesse sentido, altera-se o tempo e possibilita-se que uma atitude realizada no presente “hoje” modifique todo o passado, no “ontem”.

Olhar com as crianças no candomblé, neste caso com Aquilles, implica em subverter a perspectiva de tempo colonizada de tempo, que se baseia em padrões cartesianos formando uma linha (passado, presente e futuro), sempre nesta ordem. A pesquisa de Souza (2016) realizada com as crianças foi possível compreender outra lógica denominada aqui de lógica exúlica⁵. A perspectiva da

⁴ O conceito de *Sankofa* (*Sanko* = voltar; *fa* = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “*se wowerefi na wosankofa a yenki*”, que pode ser traduzido por “*não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu*”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado por um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou ideias filosóficas. *Sankofa* ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. A esse respeito ver Nascimento (2008).

⁵ Tal conceito foi construído junto as crianças, em que elas coletavam os dados da pesquisa orientando a pesquisadora em Souza (2016, p. 166). “As epistemologias das crianças implicam as interrogações, os movimentos, o atrevimento em olhar, perguntar e transformar a realidade. Não é a criança quem tem que entrar na lógica do adulto, mas, na lógica exúlica, são os adultos que devem entrar na lógica da criança, pelo óbvio a criança não fora adulto, mas nós os adultos

Culturas infantis e Oxóssi: descolonizando com a assertividade do filho de um caçador

circularidade trata a criança como um ancestral, portanto, o filho pode ser mais velho do que o pai. Essa lógica “exúlica” é retratada em um trecho de itã: “Exu pode ter matado um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje” (VERGER; CARYBÉ, 2011, p. 13).

Aquilles de Oxóssi⁶ é bisneto da Yalorixá Joselita da Conceição Silva, que fora iniciada aos 14 anos de idade para o orixá Ogum. Ela faleceu em 2018 aos 74 anos em Feira de Santana na Bahia. Como Aquilles é paulista, visitou poucas vezes a bisavó e conviveram pouco.

Foto: Aquilles de Oxóssi e a avó, Yalorixá Joselita da Conceição Silva



Fonte: Arquivo da família (Caroline mãe de Aquilles, no centro Aquilles com um ano e seis meses e a Yalorixá Joselita de Ogum) janeiro de 2015.

Ao frequentar a Egbe IREO junto aos seus familiares Aquilles ouvia as histórias e observava o pertencimento ancestral de cada membro da comunidade, por vezes, gostava de imitar os orixás dançando, e tem especial carinho com as ferramentas dos Orixás, a espada de Ogum, o Arco e flecha de Oxóssi e os machados de Xângo.

Para cada dança e orixá Aquilles inventa as histórias e vai associando ao cotidiano da comunidade. Para a liderança religiosa da Egbe IREO a convivência é o primordial para a manutenção da energia vital, denominada pelo povo-de-santo de axé. Assim, entende-se que as crianças devem estar livres para conviver, e não necessariamente serem ritualizadas nos orixás, pois as

já fomos crianças, então qual a lógica que deve permear as relações verdadeiras? Do contrário, as relações permanecem forjadas, perniciosas e adultocentradas à medida que forçamos a criança ser o que não é; paralelo a isso, o adulto finge que nunca foi (criança)”. Atualmente existem alguns trabalhos já publicados que se inspiraram na lógica exúlica para análise dos dados, como Reis Neto (2019) e Salles (2019).

⁶ Cabe destacar que todas as imagens foram autorizadas e selecionadas junto ao Aquilles com seus familiares.

iniciações trazem deveres e implicam em ações que poderiam limitar a liberdade e a brincadeira das crianças.

À medida que a convivência na comunidade aumentava Aquilles começou a se declarar como filho de Oxóssi, entretanto, pelas regras da religião só sabemos o pertencimento mítico de uma pessoa a um determinado orixá por meio de uma consulta oracular. É natural que entre os membros da comunidade nasçam especulações, conforme narrado no texto “Culturas Infantis e Exú: descolonizando as animações com Ayô”, em Araujo e Souza (2018). Mas, é o oráculo que revela a essência do indivíduo e determina qual energia que o representa, isso é um dogma do candomblé. Não é possível escolher o seu orixá ou mesmo o cargo que poderá ocupar são revelações oraculares que anunciam o destino da pessoa na religião.

Os adultos da comunidade brincavam com Aquilles falando que ele poderia ser de outro orixá, mas ele insistia, e permaneceu cerca de um ano anunciando-se de Oxóssi, aos poucos a comunidade foi se preocupando com receio do oráculo não confirmar esse desejo reiteradamente expresso por Aquilles. Cabe destacar no trabalho de conclusão de curso de Salles (2019, p. 25) a data do vídeo é anterior a consulta oracular acerca do pertencimento de Aquilles:

No dia 03 de dezembro de 2018, a professora de Educação Infantil Ana Flávia, em uma de “pausa” nas atividades, permite aos alunos e às alunas um momento livre, um momento de “brincar”. Enquanto algumas crianças brincam com teclado de computador e desenhavam, Aquilles se levanta e começa a dançar. Aquilles sai dançando com os dedos unidos, indicador ligado ao polegar, e vai em direção à porta. Ele levemente se curva de frente para a porta. Em seguida, vira-se e vai em direção à mesa da professora; ainda com os dedos unidos e de olhos fechados, ele se joga ao chão, vira de um lado para o outro; Então se levanta, abre os olhos e indaga à professora: “– Ah! Você tá filmando?”.

É interessante destacar que a essência mítica de Oxóssi⁷ é a assertividade conhecido por ser o caçador de uma única flecha, seu feito de maior destaque e uma das histórias prediletas de Aquilles narra Oxóssi como o único caçador a acertar o pássaro enviado pelas feiticeiras.

⁷ Segundo Verger (1991, p. 207) Oxóssi é o orixá da caça irmã de Ogum. Sua importância entre os yorubas, deve-se a diversos motivos. O primeiro é a ordem material, pois é Oxóssi quem torna as caçadas frutuosas e em consequência garante comida em abundância. O segundo é a ordem médica, pois caçadores estão sempre na floresta em contato com a divindade das folhas medicinais. O terceiro é de ordem social, pois é quase sempre um caçador que descobre um local favorável para instalar-se com sua família.

Foto e texto: Aquilles narra Oxóssi



Fonte: acervo Egbe IREO; Aquilles imitando Oxóssi.

Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça.

Oxóssi é irmão de Ogum.

Ogum tem pelo irmão um afeto especial.

Num dia em que voltava da batalha, Ogum encontrou o irmão temeroso e sem reação, cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia e estavam prestes a atingir sua família e tomar suas terras. Ogum vinha cansado de outra guerra, mas ficou irado e sedento de vingança. Procurou dentro de si mais forças para continuar lutando e partiu na direção dos inimigos. Com sua espada de ferro pelejou até o amanhecer.

Quando por fim venceu os invasores, sentou-se com o irmão e o tranquilizou com sua proteção. Sempre que houvesse a necessidade ele iria até o seu encontro para auxiliá-lo. Ogum então ensinou Oxóssi a caçar, a abrir caminhos pela floresta e matas cerradas. Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça, sem a qual a vida é muito mais difícil. Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente. Agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra. Ogum é o grande guerreiro. Oxóssi é o grande caçador (PRANDI, 2001, p. 111/112).

Em janeiro de 2019 ocorreu a iniciação da mãe biológica de Aquilles, esta fora iniciada em Oxum, por essa razão o Babalorixá precisou consultar o oráculo em relação ao pertencimento mítico de Aquilles, pois ele faria um bori⁸ junto a sua mãe. A comunidade ficou muito ansiosa para saber qual seria o orixá guardião de Aquilles, e ao mesmo tempo, com receio de uma possível decepção e quando o sacerdote declarou emocionado que ele era realmente filho de Oxóssi algumas pessoas comemoravam emotivas, inclusive choravam e Aquilles olhou para todos e disse “eu já sabia, eu avisei”. Assim, usando a lógica exúlica, tão habitual nas crianças Aquilles já sabia antes de toda a comunidade qual era a sua essência.

Algumas considerações

Brincar é essencial para conviver em comunidade e cada membro mostrar e consolidar a sua essência. Assim brincando Aquilles ensinou na comunidade a materialidade o pensamento de Senghor (1948) ao defender a existência da negritude "Eu sinto, eu danço o Outro; eu sou". Ao sentir, ao dançar, ao brincar Aquilles se encontrou com sua ancestralidade e a carrega consigo dentro e fora do espaço do terreiro, pois segue levando sua cultura circunscrita em seu corpo.

⁸ Rito em que a comunidade deseja coisas positivas ao Ori (cabeça) da pessoa que está passando pelo ritual desejando que a mesma faça boas escolhas e tenha uma vida longa e saudável.

Em comunidade aprendemos na convivência, pois “[...] o ser humano é intrinsecamente mostração, é se fazer ver; que ao se dar ao mundo com os outros e pelos outros para significá-lo, também é significado e significa-se a si mesmo” (SILVA, 1987, p.102).

Ao significar-se como **de** Oxóssi, Aquilles nos ensina o que é ser **em** Oxóssi, pois se observarmos com a lógica exúlica, na perspectiva da negritude, podemos compreender que os mitos justificam os ritos, assim só sou quando danço e sinto com o outro. Ao brincarme africanizo e reitero a minha humanidade, talvez essa seja a essência humana a brincadeira, pois essa externaliza a minha ancestralidade.

Como os mitos justificam os ritos destacamos a experiência de enfeitar e proteger a casa com o mariô⁹. O mariô nas portas das casas de candomblé representa um pacto de proteção com o orixá Ogum. Na foto abaixo Aquilles está junto com seu pai biológico, que é filho do orixá Ogum, desfiando folhas para a proteção bem como para a ornamentação do barracão. Assim, reproduzem brincando o mito descrito acima, no qual Ogum e Oxóssi trabalham juntos em prol da comunidade.

Foto e texto: Ogum e Oxóssi trabalham juntos em prol da comunidade



Fonte: Arquivo da Egbe IREO.

Ogum foi caçar no mato e retornou com muita caça. Convidou seus amigos para comer e beber juntos. E foi o que fizeram durante um longo tempo, menos um dos convidados, que se manteve sóbrio. Assim, que todos adormeceram, sucumbidos pela bebida, o convidado que pouco bebeu e estava sóbrio começou a levar todas as roupas de Ogum, partindo para longe. O dia clareou, os convidados despertaram e foram se retirando. Ogum ficou só e constatou que tudo o que era seu havia sido roubado. Ossaim, que passava pelo local, entrou na casa de Ogum e viu o que tinha acontecido. Ogum lhe disse: “Eu fui caçar e quis repartir a caça com todos, bebemos e festejamos, e o resultado foi este.” Ossaim recriminou-o: “Beber mais do que o suficiente só pode dar nisso. Você perdeu a discrição e ficou fora de sua personalidade. Mas vou dar-lhe roupas de folhagem de palma”. E assim fez. Ogum vestiu-as, voltou para sua casa, pegou as armas e foi caçar. Trouxe animais, tirou o couro e, depois de prepará-lo, vestiu-se juntamente com as folhagens. Quando o povo o viu daquela forma, lembrou-se das injustiças cometidas com ele. As roupas de mariô passaram a ser um registro do que aconteceu com ele naquela festa (BENISTE, 2008, p. 130/131).

⁹ Folha de dendezeiro. As folhas para os candomblecistas são portadoras de axé e indispensáveis ao culto.

Ao terminar sua brincadeira Aquilles acha outra finalidade para o mariô, enquanto a comunidade seguia trabalhando ele monta sua cama, e como um bom caçador, usa do que a natureza dispõe para seu acalanto e dorme tranquilamente embalado pela segurança de quem pode brincar com a ancestralidade.

Neste desafio de romper com a colonialidade do poder e encontrar as conexões Brasil África entendemos que a melhor bússola pode ser encontrada nas brincadeiras das crianças com suas ancestralidades. Nas interações entre uma comunidade de axé que busca conviver com as interconexões entre mitos, ritos, ritmos e ao reestruturar sua África mítica reestrutura sua humanidade.

Encerramos com o sono e o sonho de um caçador!

Foto: o sono e o sonho de um caçador



Fonte: Acervo Egbe IREO.

Referências

ARAUJO, Patrício Carneiro; SOUZA, Ellen Gonzaga Lima. Culturas infantis e Exú: descolonizando as animações com Ayô. In: **Catálogo Omo Erê**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2018.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás**: o outro lado do conhecimento. Rio de Janeiro: Bretand Brasil, 2008.

HAMPATE BÂ, Amadou. **Amkollé, o menino fula**. Trad. de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas e Pallas Athena, 2003.

HAMPATE BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. **História Geral da África** – Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, 2010.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**: curso Sorbonne 1949-1952. Trad. de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NASCIMENTO, Elisa L. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro e Summus, 2008.
- NOBLES, Wade. **Seeking the Saku**. Geórgia: FAHQ, 2010.
- NOBLES, Wade. Saku Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 12^a ed. Reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- REIS NETO, João dos. **Exu e a descolonização da docência**: religiosidade afro-brasileira, cinema e formação de professores(as). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São João del Rei, 2019.
- SALLES, Thaianne Ribeiro. **Dançando com oxóssi**: religiosidade, corpo e produções de culturas infantis. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Educação Física Universidade Federal de Lavras, 2019.
- SENGHOR, Leopold Sedar. **Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgach**. Paris: Presses Universitaires, 1948.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**: Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1987.
- SOUZA, Ellen Gonzaga Lima. **Experiências de infâncias com produções de culturas no Ilê Axé Omo OxéIbá Latam**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- SOUZA, Ellen Gonzaga Lima. Bebês, cultura e raça em terreiros de candomblé: diálogos com HampateBâ. In: TEBET, Gabriela. **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- VERGER: **O mensageiro entre os dois mundos**, Pierre. Direção: Lula Buarque de Hollanda. Conspiração Filmes/Gêge/Globo Sat. 82 minutos. 1998.
- VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África**. Trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- VERGER, Pierre. CARYBÉ, Hector Julio. **Lendas africanas dos Orixás**. 4^a ed. Salvador: Corrupio, 2011.

Submetido em: 20/07/2019.

Aprovado em: 31/08/2019.